

Diário

#MêsDaFotografia

#Conferência

#Etnias

#NovosOlhares

VERSO

Reflexo marginal

FOTOGRAFIA

Roberta Souza
roberta.souza@svm.com.br

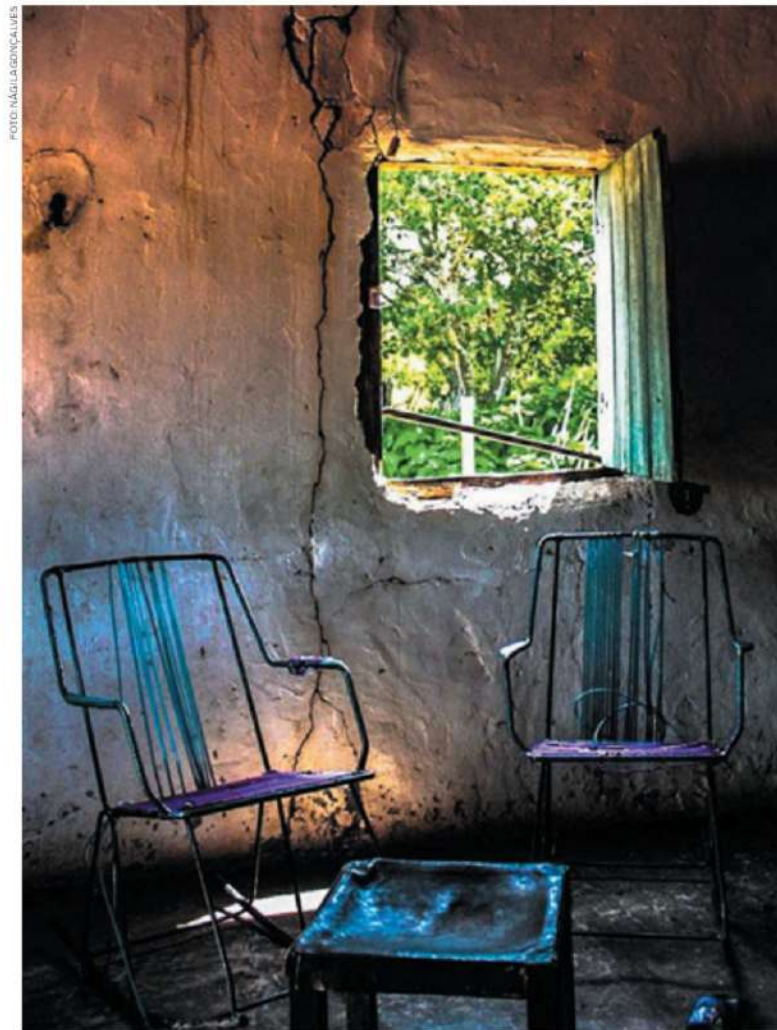
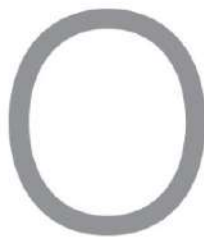


Foto: Nágila Gonçalves

O imaginário do sertão do Ceará, o cotidiano, as lutas e resistências estão nas fotografias de Nágila Gonçalves

No mês da fotografia, profissionais debatem sobre imagens periféricas e anticoloniais. Conferência virtual lança diferentes olhares sobre território, gênero, etnia, sexualidade e raça



que é periferia, quem assim a denominou e onde ela está localizada? Com esses questionamentos propostos, a artista visual cearense Nágila Gonçalves, 28 anos, uma das idealizadoras da Carcará Foto Conferência - a ser realizada neste que é considerado o mês da fotografia -, começa a tecer considerações sobre os estereótipos

que acompanham tal conceito e toda sua dimensão simbólica.

"É um termo elaborado por pessoas não periféricas para distinguir povos e comunidades não pertencentes ao centro", explica, ao mesmo tempo que faz uma ressalva importante sobre o lugar daqueles que recebem essa "nomeação".

Nágila afirma abordar em

imagens a periferia do interior do estado, o imaginário do sertão do Ceará, o cotidiano, as lutas e resistências ao domínio e poder entre os grupos e classes sociais antagônicas, a (des) integração do território, as relações cidade-campo, entre outras temáticas.

"Tendo parte de minha família advinda da região dos Inhambuns - CE, trago para a realização deste trabalho, aspectos que tratam sobre estar aproximada da memória coletiva e do sertão que habita em cada um de nós", pontua.

Ótica indígena

Aos 27 anos, Alleff Utah, professor e fotógrafo da comunidade Tapeba, igualmente encontra na produção de imagens uma forma de expressar sua identidade. A história dele com a fotografia começou em meados de 2013, sem muitas ambições, mas rapidamente identificou ali um meio de vida.

"Nós povos indígenas sempre temos encontros dos povos, assembleias e sempre tem alguém com câmera fotográfica. Foi dessa forma que comecei a dar os meus primeiros clicks. Desde então, não parei mais, sou fotógrafo profissional, mas não deixo de ser fotógrafo indígena, que é o que mais gosto de clicar", conta.

Diálogos

Outros detalhes sobre sua experiência, Alleff compartilhará na Carcará Foto Conferência, que tem como objetivo, nesta segunda edição, debater a respeito das imagens periféricas e anticoloniais em todas as sextas e sábados de agosto.

Virtual e gratuito, o evento será transmitido via YouTube e, além de contar com apresentações de pesquisas, trabalhos e processos artísticos com transmissão ao vivo, também



Indígenas sob o olhar do fotógrafo tapeba Alleff Utah



O sertão, em duas diversas formas, é objeto do olhar dos fotógrafos locais em suas pesquisas e imersões



Virtual e gratuito, o evento será transmitido via YouTube com apresentações de pesquisas, trabalhos e processos artísticos

Trabalhos envolvem extensas pesquisas sobre olhares, valores e reflexos de populações muitas vezes postas à margem

ocupará demais espaços de formação, como cursos de fotografia da Rede Cuca.

Quebra estereótipos

“Os encontros e as live do Carcará e de outros apoiadores fortalecem ainda mais o nosso movimento indígena, sempre quebrando esses estereótipos de que o indígena é um ser ignorante, que não sabe das coisas, que ainda vive em 1.500”, partilha Alleff, acrescentando ter o “dever de mostrar para a sociedade que nós somos cidadãos como qualquer outro, temos celulares, temos notebooks, temos acesso às universidades, dentre outras coisas, mas com um diferencial, que é a nossa ancestralidade, nossa cultura e nosso modo de viver dentro das nossas aldeias”.

João R. Ripper, Vilma Neres, Flávia Almeida, Sy Gomes e Vita da Silva também estão entre os convidados da Foto Confe-

rência, que dá apenas um passo em direção aos desejos dos idealizadores.

“Outras ações que estão sendo pensadas e elaboradas estão ligadas ao Núcleo de Formação da Carcará, com o intuito de fomentar formações acerca da imagem, crítica e reflexão. Serão experiências de pesquisa e formação, sobre o ponto de vista do aspecto cultural e periférico, elaboradas por pessoas de periferia, abordando questões como: história da imagem indígena, afrovisuaisidades, descolonização do olhar, leitura de imagem, cosmovisões, curadorias em diálogo dentre outros”, conta Nágila Gonçalves. A realizadora cultural defende uma ação que não se esgote no trabalho de um único artista e propõe à juventude uma experiência conjunta. “Inquietações coletivas também são necessárias”, diz, num convite ao debate.